

O lugar do cinema regional nos cursos de cinema das universidades públicas brasileiras.¹

Lóris Haissa Canhetti Silveira²
Andrea Ferraz Fernandez³
Universidade Federal de Mato Grosso

Resumo

Esta pesquisa investiga o lugar do cinema regional nos cursos de Cinema das universidades públicas brasileiras, analisando como essas instituições têm — ou não — contemplado as cinematografias locais em suas matrizes curriculares. Parte-se da constatação de que há uma ausência significativa de disciplinas específicas sobre cinema regional, com exceção da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), que oferece a disciplina Cinema Paraibano como componente obrigatório. O objetivo é compreender os impactos dessa ausência na formação acadêmica e na valorização das produções audiovisuais locais. Os resultados apontam que a invisibilização do cinema regional nas universidades reflete e reforça desigualdades históricas no campo audiovisual brasileiro, comprometendo a diversidade cultural e a formação crítica dos futuros cineastas.

Palavras-chave: cinema regional; currículo; formação acadêmica; ensino de cinema; políticas culturais

O cinema é uma das mais potentes ferramentas de representação simbólica, expressão cultural e construção de identidade coletiva. No Brasil, país de dimensões continentais e rica diversidade cultural, o cinema regional não apenas registra os territórios e suas vivências, como também desafia a centralização histórica da produção audiovisual nos grandes centros do Sudeste. Ainda assim, a formação universitária em cinema — especialmente nas universidades federais — segue, em grande parte, descolada da valorização sistemática das produções locais.

Este artigo científico parte do princípio de que incluir o cinema regional nos currículos dos cursos superiores de cinema é uma medida urgente e estratégica, tanto

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Graduada em Rádio e TV pela Universidade Federal de Mato Grosso, Pós Graduação em Gestão de Projetos e Metodologias Ágeis pela PUC e Mestranda no Programa de Pós Graduação em Comunicação e Poder da UFMT. Email: oi@loriscanhetti.com.

³ Andréa Ferraz Fernandez. Professora Titular da Universidade Federal de Mato Grosso, lotada no Departamento de Comunicação / Faculdade de Comunicação e Artes. É doutora em Ergonomia da Informação pela Universitat Politècnica de Catalunya, Espanha. Email: andrea.fernandez@ufmt.br.

para democratizar o acesso às narrativas periféricas quanto para fortalecer os mercados culturais locais. O trabalho propõe um mergulho no panorama atual do ensino universitário, analisando como e se os cursos de cinema e audiovisual das universidades federais brasileiras estão contemplando o estudo e a valorização das cinematografias regionais em suas matrizes curriculares.

O estudo parte de um mapeamento inédito das grades e planos de ensino dos cursos de Cinema nas universidades federais do Brasil, identificando a notável ausência de disciplinas específicas sobre o cinema regional, com exceção da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), que oferta a disciplina Cinema Paraibano. A partir dessa constatação, o trabalho propõe reflexões e comparações que apontam caminhos para a inclusão pedagógica do audiovisual regional como eixo formativo.

No artigo A importância da valorização da cultura popular para o desenvolvimento local, Lóssio e Pereira (2007), trazem aspectos que influenciam transformações econômicas e sociais, a partir do reconhecimento do fazer cultura a partir da perspectiva local.

O conhecimento da cultura local reforça a valorização bem como o incentivo ao desenvolvimento da região. Para estudarmos esses aspectos propulsores da realidade atual devemos levar em questão, que a cultura popular sofre alterações que contemplam os aspectos econômicos, administrativos, educativos e sociais. Nesse sentido, buscamos compreender a participação do ser humano não só como inovador, mas como possuidor de uma tradição, de um contexto que lhe garante base para seus objetivos, produções e trabalho, ou seja, do imaginário, do simbólico para as formas de sobrevivências. (LÓSSIO; PEREIRA, 2007, p. 1)

Para os autores, a cultura popular não é estática, mas dinâmica, atravessada por transformações econômicas, sociais, administrativas e educativas (LÓSSIO; PEREIRA, 2007), o que permite compreender o ser humano não apenas como agente de inovação, mas também como portador de tradição, de saberes e práticas simbólicas que sustentam sua existência e sua produção cultural.

Essa reflexão dialoga diretamente com o objeto deste trabalho, pois reforça a importância de reconhecer o cinema regional como expressão de um território, de uma memória coletiva e de um imaginário social específico. Assim como a cultura popular é fundamental para o desenvolvimento local, o cinema realizado fora dos grandes centros — seja na Paraíba, em Mato Grosso ou em outras regiões — deve ser entendido como

ferramenta de afirmação cultural, de geração de pertencimento e também de desenvolvimento simbólico, econômico e social. Nesse sentido, a ausência desse conteúdo nos currículos universitários não é apenas uma questão acadêmica, mas uma problemática que impacta diretamente a sustentabilidade das culturas locais e a construção de identidades no campo audiovisual.

Diante desse cenário, torna-se fundamental compreender como as universidades públicas brasileiras estão lidando — ou deixando de lidar — com a presença do cinema regional em seus projetos pedagógicos. Para isso, este trabalho parte de uma investigação que busca mapear a estrutura curricular dos cursos de Cinema e Audiovisual das universidades federais, analisando seus planos de ensino e a presença (ou ausência) de disciplinas que contemplem as cinematografias locais como eixo formativo. Essa análise não ocorre de maneira isolada. Ela se articula com reflexões sobre o papel da cultura popular no desenvolvimento local — como apontam Lóssio e Pereira (2007) —, e com a trajetória histórica de movimentos que colocaram o cinema regional no centro do debate estético e político no Brasil, como o ciclo de Aruanda e o Cinema Novo. Esses marcos históricos e teóricos ajudam a compreender não apenas o cenário atual, mas também a urgência de se pensar políticas curriculares que fortaleçam as produções audiovisuais dos territórios.

A disciplina Cinema Paraibano (código 2303101) integra a matriz curricular do curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) como uma disciplina obrigatória. A presença dessa disciplina no currículo reflete uma abordagem pedagógica que reconhece a importância de contextualizar o ensino do cinema dentro das realidades regionais. Além de fornecer conhecimentos técnicos e teóricos, a disciplina promove a reflexão sobre identidade cultural, memória coletiva e as dinâmicas sociais que permeiam a produção audiovisual na Paraíba. Essa estratégia não apenas enriquece o repertório dos alunos, mas também fortalece a produção e a crítica cinematográfica local, contribuindo para a descentralização e diversificação do panorama audiovisual brasileiro.

Essa valorização restrita se conecta diretamente à lógica de centralização histórica da produção e da circulação audiovisual no Brasil, concentrada majoritariamente no eixo Rio de Janeiro–São Paulo. Essa dinâmica não se restringe

apenas ao mercado, mas também se reflete na formação acadêmica, nos currículos, nas referências e na legitimação simbólica do que se entende como cinema brasileiro.

É nesse ponto que se torna pertinente mobilizar a crítica desenvolvida por Adorno e Horkheimer (1985) em *Dialética do Esclarecimento*. Para os autores, a chamada indústria cultural opera a partir da transformação da cultura em mercadoria, padronizando a produção simbólica de forma a atender às demandas de mercado. No campo do audiovisual, essa lógica se traduz na marginalização de narrativas que escapam dos modelos hegemônicos — geralmente construídos e validados nos grandes centros urbanos — e na invisibilização das expressões regionais.

Nesse sentido, o cinema regional emerge como prática de resistência estética, política e cultural, oferecendo contra-narrativas que tensionam os efeitos homogeneizantes da indústria cultural e reafirmam a centralidade dos territórios na produção de sentido.

Esta pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, com o objetivo de realizar um mapeamento inicial sobre a presença de disciplinas voltadas ao cinema regional nas matrizes curriculares dos cursos de Cinema e Audiovisual das universidades federais brasileiras. A base de dados foi construída a partir de consultas realizadas diretamente nos portais institucionais, nos sistemas acadêmicos públicos — como SIGAA, SIE, Sucupira e outros próprios de cada universidade —, bem como na análise de documentos oficiais disponibilizados pelos cursos, como projetos pedagógicos, fluxogramas de disciplinas, ementas e planos de ensino.

O levantamento considerou, como universo da pesquisa, os cursos de graduação em Cinema e/ou Audiovisual ofertados por universidades federais brasileiras em funcionamento até o ano de 2025. A seleção contemplou cursos cuja nomenclatura inclui os termos “Cinema”, “Audiovisual” ou expressões correlatas, desde que formalizados como cursos de graduação vinculados às universidades públicas federais.

Os cursos considerados são os que constam na base nas informações disponíveis no Cadastro Nacional de Cursos e Instituições, do Ministério da Educação (BRASIL, 2025).

Foram desconsiderados cursos tecnólogos, pós-graduações, cursos livres, bem como cursos ofertados por instituições estaduais, privadas ou centros universitários,

uma vez que o foco recai exclusivamente sobre o ensino de Cinema no âmbito das universidades federais. O recorte final resultou na seleção das seguintes instituições: Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), Universidade Federal da Bahia (UFBA), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Federal Fluminense (UFF), Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Universidade Federal de Sergipe (UFS), Universidade Federal do Acre (UFAC), Universidade Federal de Goiás (UFG), Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) e Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT).

O período de coleta e sistematização dos dados ocorreu entre fevereiro e maio de 2025, considerando exclusivamente as informações disponíveis nesse intervalo de tempo. Foram observadas tanto as nomenclaturas das disciplinas quanto os conteúdos descritos nas ementas, de modo a verificar se o tema do cinema regional estava presente de forma explícita, seja como disciplina isolada, seja integrado a outros componentes curriculares. Este mapeamento constitui, portanto, a base empírica que sustenta as análises e reflexões desenvolvidas ao longo desta pesquisa.

Essa discussão será aprofundada a partir do estudo de caso da própria UFPB, que representa uma exceção relevante, e da análise histórica do Cinema Novo e do ciclo Aruanda, como momentos fundamentais de valorização das expressões regionais no cinema brasileiro.

Estudos do Plano de Ensino da matéria Cinema Paraibano

A análise dos planos de ensino é uma etapa fundamental para compreender de que forma os cursos de Cinema e Audiovisual das universidades federais estruturam suas abordagens pedagógicas em relação à produção audiovisual regional. Como observado no mapeamento apresentado, a maioria das instituições ainda não contempla, de maneira sistemática e contínua, disciplinas que abordem especificamente o cinema de seus respectivos territórios.

A Universidade Federal da Paraíba (UFPB) constitui, nesse cenário, uma exceção relevante. O curso de Cinema e Audiovisual da instituição oferece, de forma obrigatória e estruturada, a disciplina Cinema Paraibano (código 2303101), posicionada no terceiro período da graduação. Com carga horária de 60 horas, a disciplina está inserida no eixo de formação específica e tem como objetivo proporcionar aos estudantes uma compreensão aprofundada da produção cinematográfica realizada na Paraíba, desde suas origens até o contexto contemporâneo.

O plano de ensino da disciplina organiza seu conteúdo a partir de três pilares fundamentais, que estruturam tanto os objetivos quanto as metodologias propostas. O primeiro deles é o eixo histórico, que aborda os marcos centrais da produção audiovisual paraibana, incluindo o movimento Aruanda, as primeiras experiências documentais e o desenvolvimento das linguagens locais no campo do cinema. O segundo pilar é o eixo estético e crítico, centrado na análise das linguagens cinematográficas, das escolhas narrativas e da obra dos principais realizadores paraibanos, como Linduarte Noronha, Vladimir Carvalho e os coletivos contemporâneos. Por fim, o terceiro eixo é o político-cultural, que examina o papel do cinema regional na construção da memória coletiva, na afirmação das identidades territoriais e na resistência frente às lógicas centralizadoras da indústria cultural.

Essa estrutura curricular revela uma abordagem que integra prática, teoria e território, criando condições para que os estudantes não apenas conheçam a produção local, mas reconheçam nela um campo legítimo de investigação, criação e atuação profissional. A disciplina Cinema Paraibano atua, portanto, como um vetor de valorização simbólica da identidade paraibana e como um gesto pedagógico de resistência às formas hegemônicas de produção e difusão de conteúdo audiovisual no país.

Ao adotar essa disciplina como parte obrigatória da formação, a UFPB oferece um modelo institucional de valorização da diversidade regional que vai além de ações pontuais ou eventos extracurriculares. A disciplina estrutura-se com conteúdos específicos, cronograma de exhibições e análises, bibliografia voltada à crítica cinematográfica regional e metodologias que buscam aproximar o estudante da realidade de produção local — desde festivais até coletivos audiovisuais e políticas públicas regionais.

Esse plano de ensino responde diretamente ao desafio apontado por Adorno e Horkheimer em *Dialética do Esclarecimento* (1985), ao criticar a padronização dos produtos culturais promovida pela indústria cultural. A existência de uma disciplina como Cinema Paraibano combate essa padronização ao inserir no ambiente acadêmico um espaço destinado a pensar e produzir a partir das margens, das bordas e da multiplicidade de vivências que compõem o Brasil.

A análise histórica por trás desse fenômeno

O surgimento do movimento Cinema Novo, no início da década de 1960, representou um marco na história do cinema brasileiro ao propor uma estética crítica, autoral e profundamente conectada com as realidades sociais do país. Inspirado por movimentos internacionais como o neorrealismo italiano e a Nouvelle Vague francesa, o Cinema Novo rompeu com os modelos de produção industrial e comercial vigentes, privilegiando uma abordagem política e estética comprometida com a denúncia das desigualdades e a valorização da identidade nacional.

Dentro desse contexto, o documentário *Aruanda* (1960), dirigido por Linduarte Noronha, realizado na Paraíba, é frequentemente citado como precursor simbólico do Cinema Novo. A obra documenta o cotidiano dos descendentes de quilombolas em um povoado do sertão paraibano, com uma abordagem poética e antropológica, marcada pela câmera inquieta e pelo olhar humanizado sobre a vida no interior do Brasil. *Aruanda* não apenas inaugurou um novo modelo estético para o documentário brasileiro, como também lançou luz sobre um território historicamente invisibilizado no audiovisual nacional.

O impacto de *Aruanda* e das obras que se seguiram na região foi significativo para a consolidação de uma produção paraibana autoral, crítica e enraizada em sua realidade cultural. Nomes como Vladimir Carvalho, Torquato Joel e Marcos Vilar passaram a compor um cenário de resistência estética e política, produzindo obras que dialogam com a tradição do Cinema Novo, mas com especificidades regionais, como a oralidade popular, os ritos religiosos, o sertão e a vida urbana nordestina.

A partir do sucesso simbólico de *Aruanda*, a Paraíba se transformou em um importante polo de produção e pensamento audiovisual, com a criação de cineclubes, cinejornais e festivais voltados à promoção do cinema nordestino. O movimento ganhou

força institucional nas décadas seguintes, influenciando políticas públicas de fomento à cultura e inspirando gerações de realizadores locais a produzirem obras com identidade regional.

O ciclo de Aruanda, como ficou conhecido, ultrapassou as fronteiras do estado e contribuiu para ampliar a noção de cinema brasileiro para além do eixo Rio–São Paulo, afirmando a potência estética, cultural e política dos territórios periféricos. A produção paraibana, nesse sentido, tornou-se um exemplo emblemático de como o cinema regional pode se articular a projetos estéticos nacionais sem perder sua autonomia narrativa e simbólica.

Essa valorização do cinema paraibano também exerceu influência direta no campo da educação. A inserção da disciplina Cinema Paraibano na UFPB, discutida nos assuntos anteriores, é um desdobramento institucional dessa tradição cinematográfica de resistência e afirmação cultural. Ao transformar um legado histórico em conteúdo curricular, a universidade promove a preservação e a difusão do cinema regional, conectando passado, presente e futuro.

Conclusão

O mapeamento realizado ao longo desta pesquisa evidencia de forma contundente a lacuna existente na formação acadêmica dos cursos de Cinema e Audiovisual das universidades públicas brasileiras no que diz respeito ao estudo das cinematografias regionais. A ausência quase total de disciplinas específicas voltadas a esse tema revela não apenas uma negligência curricular, mas também a reprodução de lógicas de centralização simbólica, estética e cultural que historicamente marginalizam as produções fora do eixo Rio–São Paulo.

Ao tomar como referência a experiência da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), que há anos consolida em sua matriz curricular a disciplina obrigatória Cinema Paraibano, fica evidente que é possível construir alternativas pedagógicas que fortaleçam os vínculos entre universidade, território e cultura. Esta experiência demonstra que o reconhecimento das expressões audiovisuais locais, quando institucionalizado no ensino, contribui para a formação de profissionais mais

conscientes de seu papel na preservação, valorização e desenvolvimento das culturas regionais.

Portanto, torna-se urgente que as universidades públicas brasileiras reflitam sobre a necessidade de incluir em seus projetos pedagógicos disciplinas que contemplem o cinema regional, não como um apêndice ocasional, mas como um eixo formativo central. A valorização das cinematografias locais não é apenas um compromisso com a diversidade cultural, mas também uma estratégia de resistência frente aos processos de homogeneização impostos pela indústria cultural. Além disso, constitui-se como uma ferramenta potente para fortalecer os mercados culturais locais, estimular a produção independente e formar cineastas que reconheçam e representem os múltiplos Brasis que coexistem no território nacional.

Incluir o cinema regional nos currículos universitários é, acima de tudo, afirmar que as imagens, as narrativas e os imaginários construídos a partir dos territórios têm valor, têm potência estética, têm relevância política e merecem ocupar espaço tanto nas telas quanto nas salas de aula.

Referências

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Tradução de Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/208/o/fil_dialetica_esclarec.pdf. Acesso em: 15 jun. 2025.

ARUANDA. Direção: Linduarte Noronha. Paraíba: Produção independente, 1960. Filme (16 min).

BRASIL. Ministério da Educação. **Cadastro Nacional de Cursos e Instituições – e-MEC**. Brasília - DF, 2025. Disponível em: <https://emec.mec.gov.br/>. Acesso em: 15 jun. 2025.

LÓSSIO, Rúbia Aurenívea Ribeiro; PEREIRA, Cesar de Mendonça. **A importância da valorização da cultura popular para o desenvolvimento local**. In: ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, 3., 2007, Salvador. Anais [...]. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2007. Disponível em:



Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Faesa – Vitória – ES
De 11 a 16/08/2025 (etapa remota) e 01 a 05/09/2025 (etapa presencial)

https://www.cult.ufba.br/enecult2007/RubiaRibeiroLossio_CesardeMendoncaPereira.pdf. Acesso em: 15 jun. 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA. **Plano de ensino da disciplina Cinema Paraibano.** Curso de Cinema e Audiovisual. Disponível em: <https://sigaa.ufpb.br/sigaa/link/public/curso/curriculo/2701355>. Acesso em: 15 jun. 2025.